



## **Notas sobre o ritual batismal nas comunidades paulinas de Corinto e Éfeso.**

Juliana B. Cavalcanti<sup>1</sup>  
Mestranda (PPGHC/UFRJ)

<http://lattes.cnpq.br/6770181406770057>

**Resumo:** O presente artigo visa apresentar alguns dados iniciais da pesquisa em curso a respeito da importância do batismo nas comunidades paulinas de Corinto e Éfeso do século I EC. Batismo este que será interpretado de formas distintas em cada uma destas comunidades. A interpretação dada ao rito implicará num maior ou menor diálogo com a proposta de Reino de Deus de Jesus, bem como, com uma maior ou menor aproximação com o modelo imperial. Para esta reflexão é *mister* o conceito de *patronagem* (Wallace-Hadrill); conceito este que possibilita pensar as relações de poder traçadas por intermédio do eixo fomentador: o batismo.

**Palavras-chave:** Batismo, patronagem, comunidade paulinas, círculos paulinos, Reino de Deus.

**Abstract:** This article presents some initial data from ongoing research on the importance of baptism in Pauline communities of Corinth and Ephesus in the first century CE. Baptism that this will be interpreted in different ways in each of these communities. The interpretation of the rite will involve a greater or lesser dialogue with the proposal of the Kingdom of God Jesus as well, with a greater or lesser proximity to the imperial model. For this discussion it is necessary the concept of patronage (Wallace-Hadrill); concept that allows considering the relations of power drawn through the axis developers: baptism.

**Keywords:** Baptism, patronage, Pauline community, Pauline circles, the Kingdom of God.

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada pela mesma universidade onde obteve o título de bacharel. Orientada pelos professores André Leonardo Chevitarese e Norma Musco Mendes. Desenvolvendo o projeto: "Os círculos paulinos: um estudo comparativo entre a comunidade coríntia e a comunidade de Éfeso". Bolsista da Capes.

## I – Introdução:

Jesus, um judeu camponês de língua aramaica e analfabeto<sup>2</sup> instaura ainda na primeira metade do século I EC um movimento pautado em: comensalidade, justiça e igualdade. Um projeto que dialogava com o ambiente deste indivíduo. Isto é, um ambiente em que o ritmo de empobrecimento se ampliava por conta de perda de terra dos pequenos e médios camponeses para os grandes proprietários e dos altos tributos devidos às elites locais e ao Império Romano. Além de ser uma sociedade extremamente hierarquizada. Assim, o projeto de Reino de Deus proposto por Jesus tinha uma leitura marcadamente contrária aos moldes do Império Romano, Jesus propunha um modelo alternativo ao vigente.

Jesus por ser mais um dentre os outros indivíduos que se opuseram as normas imperais ao se lançar num projeto messiânico<sup>3</sup>, acabou por ter uma morte de cruz. E seu projeto, por sua vez, acabou por morrer com ele. Entretanto como nos assevera Faria (2011:36) alguns indivíduos que acreditaram nos ensinamentos e palavras de Jesus buscaram dar seguimento ao seu movimento buscando por técnicas de memorização transmitir e memorizar os conhecimentos *de e sobre* Jesus. Estes conhecimentos *de e sobre* Jesus acabaram por gerar um descompasso que girava em torno do fato daqueles que lembravam e aqueles que estavam autorizados a lembrar. Em outras palavras, os cristianismos originais iniciaram um processo de eclosão do movimento originário de Jesus.

Os escritos mais antigos que se encontram no cânon cristão<sup>4</sup> são as cartas paulinas e nos dão bons indícios do início da eclosão do movimento instaurado por Jesus, eclosão esta que estará promovendo hierarquias que dialogam com a ideia já exposta: daqueles que lembravam e aqueles que estavam autorizados a lembrar. Em outras palavras, o que se passou a processar após a morte de Jesus são distintos projetos ou leituras de Reino de Deus, mas leituras que já irão implicar

<sup>2</sup> Koester (2005:80) afirma que Jesus era letrado. No entanto, este não nos apresenta justificativas contundentes para tal. Neste sentido, tendemos a concordar com Crossan (2004:274) que diz que quase que por definição os camponeses são analfabetos. E por isto mesmo ele afirma "Jesus era um camponês de um povoado camponês. Portanto, para mim, Jesus era analfabeto até que o contrário seja provado". Além disso, Hosley (1995:127) nos fala que no século I EC grande parte da população era analfabeta e a escrita tinha pouca importância mesmo entre os letrados, sua finalidade na maioria dos casos se restringia a certas funções da elite. Faria (2011) ao longo de seu livro abordando sobre questões de memória e oralidade acaba por corroborar com as assertivas de Crossan e Hosley, ponderando que o movimento originariamente se processou por via oral até mesmo por conta da questão o iletramento.

<sup>3</sup> A esfera político-econômica na Palestina, como foi muito brevemente elucidado aqui, favoreceu a diversos movimentos contrários ao Império Romano. Estes movimentos vinham acompanhados de uma questão religiosa, onde muitos revindicavam o título de messias provindo da casa de Davi. Por isso ao falar da proposta de Jesus falamos em um projeto messiânico. O que é facilmente perceptível quando nos voltamos para textos intracanônicos e percebemos que em seus discursos Jesus ponderava a questão da observância da lei. Alertamos ainda ao leitor que política e religião no século I EC não eram elementos independentes. A política augustana é um bom exemplo disso. A separação entre política e religião se processa com o advento iluminista. Para maiores detalhes sobre a questão na Palestina ver Hosley (1995) e sobre a distinção entre religião e política ver Hill (2003).

<sup>4</sup> Ainda que não consideremos o termo excelente. Optamos por usar esta nomenclatura diferenciando assim da chamada Bíblia Hebraica ou cânon hebraico, ao invés da divisão: Novo e Antigo Testamento, que acaba por ser por vezes dogmática demais.

distinções do projeto originário por abarcarem uma crescente institucionalização que tendia a rotular uma vertente como ‘oficial’ e as demais sendo colocadas como memórias subterrâneas.

Na primeira epístola aos coríntios, uma carta autêntica de Paulo, podemos observar mais claramente o seu projeto de Reino de Deus que ainda é anti-imperialista, todavia, já com uma postura hierarquizada; ainda que seja bastante fluida em termos comparativos com o Império Romano. Por isto mesmo, proponho em meu trabalho monográfico<sup>5</sup> uma análise do projeto paulino em duas dimensões: o ideológico e o prático. Onde no campo da ideologia não haveria distinção entre judeus e gregos ou livres e escravos. Ou ainda entre homens e mulheres. Um projeto de reino de iguais e que também está pautado na comensalidade e na justiça, em outras palavras, é um projeto de reino ideologicamente falando marcadamente anti-imperialista tal como o de Jesus.

Todavia, em níveis práticos ou organizacionais há outra lógica sendo processada, muito por conta da ideia de quem estaria autorizado a lembrar de e sobre Jesus. Lógica esta que dialoga com as práticas de gestão do Império Romano. Em nível prático o que se constata já em Paulo é o início do processo de institucionalização. Tal como aparece em 1 Cor 12:27-30:

27. Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte. 28. E aqueles que Deus estabeleceu na igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores... Vêm, a seguir, o dons dos milagres, das curas, da assistência, do governo e o de falar diversas línguas. 29. Porventura, são todos apóstolos? Todos profetas? Todos doutores? Todos realizam milagres? 30. Todos têm o dom de curar? Todos falam línguas? Todos as interpretam?

Por intermédio desta perícope o que se pode perceber é que de um lado Paulo se vale da ideia “membros do corpo de Cristo” para afirmar que todos são iguais. Por outro, esta mesma alegoria “corpo de Cristo” é empregada para se legitimar distinções no interior da comunidade. Ao afirmar que nem todos podem ser curandeiros, apóstolos, profetas e doutores. E que numa hierarquia estabelecida, segundo Paulo, por Deus os primeiros seriam os apóstolos, depois os profetas e assim por diante. A hierarquia estabelecida e validada por um discurso de autoridade estava ligada a transmissão dos conhecimentos de e sobre Jesus. Por isto mesmo que fica a pergunta: que elemento norteador seria dentro das

<sup>5</sup> Cavalcanti, Juliana. “Cristo estaria assim dividido?": as disputas e formas de poder na comunidade paulina (Corinto, século I EC). Orientador: André Leonardo Chevitarese. Rio de Janeiro:UFRJ/IFCS/Departamento de História; FAPERJ, 2013. Monografia (Bacharelado em História). Trabalho também esta questão sobre a leitura do projeto paulino em meu artigo publicado neste mesma revista: Cavalcanti, Juliana. “Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo": uma breve análise sobre o programa paulino de Reino de Deus. *Revista Jesus Histórico*, 2013: 80-85.

comunidades paulinas que estariam possibilitando a obtenção e a transmissão dos conhecimentos sobre e de Jesus? Se hierarquias se fazem necessárias, podemos propor então que tais conhecimentos e transmissão dos mesmos não seriam para todos? Estaríamos falando assim em práticas de controle do sagrado?

A partir destas questões se originou a pesquisa em curso de dissertação de mestrado que se propõe a compreender a formação e a manutenção dos grupos existentes nas comunidades paulinas, tendo como base a comunidade de Corinto. Mas mais do que isto. Fazia-se interessante também observar e confrontar comunidades que produziram textos atribuindo a autoria a Paulo. Para se verificar se o elemento norteador que impulsionava as hierarquias estava também presente nestas comunidades. E se estivesse de que forma ele era operante; para isto se selecionou a comunidade de Éfeso. Cuja epístola apresenta características muito interessantes, ainda mais por ser uma produção datada por volta dos anos 80 do primeiro século da Era Comum.<sup>6</sup>

Desta maneira, este artigo irá pautas os primeiros caminhos traçados e já algumas conclusões a cerca do elemento norteador da formação e manutenção das hierarquias e a partir de uma perspectiva comparada como este processo de institucionalização será dirigido no decorrer do século I EC. Para tal reflexão é bom que se tenha em mente o conceito de patronagem (Hallace-Hadrill). Conceito este válido para se pensar relações políticas que todos os níveis de relações: vertical e horizontal.

Assim, a patronagem é útil para se pensar um sistema desigual de trocas de serviços e favores entre indivíduos do mesmo nível social e jurídico (como entre os senadores) ou de estamentos distintos (um escravo e seu senhor e/ou um proprietário de terras e homem livre pobre). A relação de troca sempre era desigual, pois o patrono sempre estava em uma condição superior ao seu cliente, por oferecer proteção e benefícios, este último por sua vez sempre estava abaixo por dever respeito e favores ao seu patrono. Esta relação garantia o acesso ao *status* e ao prestígio. Elemento este que é observável tanto no Império Romano quanto nas comunidades paulinas (de produções autênticas ou não), pois o conceito definido por Wallace-Hadrill contribui para se pensar as relações e perpetuação de poder que são constituídas por intermédios das hierarquizações.

---

<sup>6</sup> A datação da carta é quase que unânime entre os críticos. O local de origem que é posto em prova do Brown (2012:829-831) por conta de Ef 1:1. Todavia, ele sugere que esta perícope seja uma interpolação no decorrer do processo de formação do cânon cristão para atender as demandas das lideranças.

## **II – Batismos que resultam em poder:**

Como foi colocado na introdução buscou-se compreender que dispositivo seria este que estava desencadeando desigualdades entre os membros das comunidades paulinas. E em 1 Cor 1:14:16 Paulo nos dá uma pista do que se pode estar processando:

14. Dou graças a Deus por não ter batizado ninguém entre vós a não ser Crispo e Caio. 15. Assim ninguém pode me dizer que foi batizado em meu nome. 16. É verdade, batizei também a família e Estéfanos; quanto ao mais, não me recordo de ter batizado algum outro de voz.

A partir desta informação ponderou-se não só a respeito das disputas de poder tendo como base o batismo, mas também o tipo de projeto de Reino de Deus que estava sendo proposto onde o batismo era não só um elemento de iniciação, mas também de formação de hierarquias; já que o próprio Paulo diz que aquele batiza acaba por estabelecer relações de poder sobre os que por este foram batizados e ganham automaticamente notoriedade frente aqueles que não foram batizados pelo apóstolo e fundador da comunidade coríntia.

Primeiramente se faz importante relembrar que o batismo era uma prática comum do contexto e ambiente em que se inserem os cristianismos originários. Theissen (2009:182-183) assevera que ritos de iniciação contendo rituais de pureza com a água faziam parte do contexto judaico e judaico-cristão. João, cognominado Batista, empregava o batismo de água exatamente com esta conotação.<sup>7</sup> E Jesus tendo sido seu discípulo provavelmente teria aprendido com ele. O diferencial do batismo de Batista para o batismo de Jesus seria que no ato do batismo deste último a pessoa seria possuída por um espírito.

A partir das considerações de Smith (1973) ao tratar sobre o evangelho secreto de Marcos; foi possível perceber que o batismo nas comunidades judaico-cristãs estava servindo de base para formação de cultos de mistérios. Onde apenas alguns iniciados teriam acesso ao conhecimento detido pelo líder do culto. Sua afirmação está calcada num relato que está em Mc 14:51-52 que aborda sobre um jovem que estava apenas de lençol e que acompanhava Jesus. Através do evangelho secreto, Smith conclui que estes versículos que aparentemente estão desconexos com a narrativa que se sucede ao evangelho de Marcos na verdade estariam indicando uma leitura de projeto de Reino de Deus calcada na transmissão, para alguns iniciados, de determinados conhecimentos que estariam

<sup>7</sup> Eliade (2010:109-114) nos alerta quanto ao papel da água nas religiões e experiências religiosas como um todo. Sendo sempre interpretada como um elemento responsável pela pura, mas também por ritos de passagem.

intimamente ligados à questão da possessão pelo Espírito. Espírito este que unia os membros e orientava-os em suas ações, como aparece em 1Cor 2: 10-13:

10. A nós, porém, Deus o revelou pelo Espírito. Pois o Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus. 11. Quem, pois, dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus. 12. Quanto a nós, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, a fim de que conheçamos os dons da graça de Deus. 13. Desses dons não falamos segundo a linguagem ensinada pela sabedoria humana, mas segundo aquela que o Espírito ensina, exprimindo realidades espirituais em termos espirituais.

Esta passagem ainda dá indícios de que este Espírito é capaz de remeter a conhecimentos ocultos quando diz que ele não só interliga o possuído “as profundidades de Deus”, mas também ensina certos dons. Dons estes que requerem um líder de culto.

Buscando compreender melhor o batismo de Jesus o autor indica ainda que Paulo não só se insere nesta concepção de formação de cultos de mistério, já que seu batismo implicava em rituais de pureza e impureza, mas também porque este teria ensinamentos que provinham de Jesus. Visto que seu batismo implicava na possessão do Espírito por partes dos iniciados, possibilitando o acesso as “realidades espirituais”. Paulo diz em 1 Cor 15:1-8:

1. Lembro-vos, irmãos, o evangelho que vos anunciei, que recebestes, no qual permanecais firmes, 2. e pelo qual sois salvos, se os guardais como vo-lo anunciei; doutro modo, teríeis acreditado em vão. 3. Transmitem-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi. Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitado ao terceiro dia, segundo as Escrituras. 5. Apareceu a Cefas, e depois aos Doze. 6. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, a maioria dos quais ainda vive, enquanto alguns já adormeceram. 7. Posteriormente apareceu a Tiago e, depois a todos os apóstolos. 8. Em último lugar, apareceu também a mim como a um abortivo. 9. Pois sou o menor dos apóstolos, nem sou digno de ser chamado apóstolo, porque perseguí a Igreja de Deus.

Esta perícope tem muitos trechos interessantes. O primeiro deles diz respeito aos termos “anunciar” “transmitir” e “guardar”. São verbos que indicam ensino e conhecimento de algo que é apenas de conhecimento de pessoas iniciadas a algum culto de mistério.<sup>8</sup> Faria (2011:101-104) também pondera sobre os verbos “anunciar” e “transmitir”, afirmando que são verbos que expressam oralidade e que

<sup>8</sup> Klauck (2011:70-75) alerta para o fato destes verbos estarem não só presentes não só nos judaísmos e nos movimentos judaico-cristãos, mas também nos cultos de mistério como um todo. Crossan e Reed (2007:80-81) também sinalizam isto ao observarem a composição e organização dos cristianismos originários.

também designam que estaria responsável por executar as ações de ensino. Apesar do autor não dizer nada sobre a expressão “guardar”, este nos dá bons indícios para refletir que nem todos estavam autorizados a recebê-las, já que as tensões entre os que lembravam e aqueles que poderiam lembrar eram constantes.

Dentro desta lógica de transmissão Paulo não é só um indivíduo que recebeu conhecimentos, mas que por intermédio de um enquadramento de memória, ao afirmar que Jesus apareceu por último a ele, este também legitima o seu direito de ter memórias de e sobre Jesus. E mais do isto de transmitir os conhecimentos recebidos e também o que este aprendeu por intermédio da experiência que este teve com o Jesus ressuscitado; sendo inclusive o mecanismo empregado por Paulo para se autodenominar apóstolo, um mestre.<sup>9</sup> Inclusive em uma nota de rodapé Chevitarese (2011:32) admite que 1Cor 15:3 estaria mesmo caracterizando um esquema modular de mestre-discípulo. Indicando inclusive outros documentos judaico-cristãos (entre eles cita Gl 1:11-12; TR 184-185) onde esta mesma relação é presente.

Crossan (1995:172-173) sinaliza que o anúncio paulino era mais um dentre outras visões querigmáticas. O que ajuda a entender também os nomes citados por Paulo refletir A passagem acima apontada também chama atenção para o fato explicitado em 1 Cor 1:12-13:

12. Explico-me: cada um de vós diz: "Eu sou de Paulo!", ou "Eu sou de Apolo!", ou "Eu sou de Cefas!" ou "Eu sou de Cristo!" 13. Cristo estaria dividido?

Nesta passagem Paulo lista outros nomes que estariam sinalizando lideranças no interior da comunidade paulina que poderiam estar também inserindo nesta comunidade suas leituras sobre o querigma de ressurreição e outros conhecimentos aos seus iniciados a partir do ritual batismal.

Todavia, a percepção do batismo como formador de cultos de mistérios, onde os líderes destes cultos estariam rivalizando entre si buscando legitimar sua leitura de Reino de Deus. Em outras palavras, compreende-se que o batismo contribuía para a formação de grupos no interior destas comunidades. E para se entender melhor a conformação destes grupos isto se faz necessário recorrermos o trabalho de Meier (1992). O autor ao refletir sobre grupos que estavam ao redor de Jesus propõe um modelo que divide estes indivíduos em três camadas: (a) as multidões, (b) os discípulos e os (c) Doze. Dos três níveis apenas os Doze seriam

<sup>9</sup> Chevitarese (2012:31-38) demonstra que a perícope 1 Cor 15:3-7 apresenta a sistematização por Paulo do querigma da ressurreição de Jesus que já se encontrava na casa-igreja de Corinto a pelo menos duas décadas. E o autor diz ainda que o fato dele em 1Cor 15:1-2 usar verbos relacionados à atividade mnemônica isto estaria indicando o reforçamento por Paulo deste querigma. E mais do que isso, Paulo aproveita esta visão querigmática para inserir a legitimação de sua apostolicidade.

aqueles que estariam em contato direto com Jesus e teriam acesso aos seus conhecimentos. Os discípulos passam um tempo com Jesus e depois partem. As multidões por sua vez estão apenas presentes no momento dos milagres e manifestações públicas de Jesus.

Este modelo de círculos parece ser de certa forma percebida nas casas-igrejas paulinas. À medida que Paulo detém membros que são mais próximos a ele, rivalizando e mesmo circundando estas casas-igrejas (como aparece em 1 Cor 14:23), além de ter os indivíduos que constituem como um todo as casas-igrejas independentemente de sua conexão partidária. Em outras palavras, a proposta de transpor o conceito de Meier para as comunidades paulinas é válido não só para auxiliar na leitura dos líderes que estavam instaurando cultos de mistérios nestas comunidades, mas também o conceito de Meier é útil, pois nos permite compreender com mais clareza o processo de institucionalização dos cristianismos originários que ainda em Paulo se dá de forma fluída.

Tal fluidez já parece estar ausente no projeto proposto pelas lideranças que compuseram a epístola aos efésios. Em outras palavras, as segregações parecem também presentes numa forma mais rígida. De forma que a possibilidade destes indivíduos permearem entre estas camadas é muito mais complexa. Diferentemente, do caso da comunidade coríntia em meados do século I EC onde apesar de haver hierarquias elas ainda não fixas já que o próprio projeto de Reino de Deus em níveis ideológicos deixava clara a ideia de igualdade entre os membros.

A perceptível alteração na estruturação destes grupos na comunidade coríntia para com os grupos das casas-igrejas de Éfeso parece dialogar com uma distinção entre o projeto paulino e o projeto da 'escola' dos efésios. E mais ainda estas distinções refletem ecos dos embates entre o programa imperial frente aos programas de Reino de Deus que vão ser tecidos tanto no caso de efésios quanto dos coríntios. Esta rigidez nas estruturas organizacionais é perceptível, por exemplo, em Ef 3:5-6:

Às gerações e aos homens do passado este mistério não foi dado a conhecer, como foi agora revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito: os gentios são co-herdeiros, membros do Corpo e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus, por meio do evangelho.

Percebam que há já uma clara distinção não só entre gentios e não gentios. Mas na forma organizacional como um todo. Onde o Espírito se restringe a sua manifestação primeiramente aos apóstolos e por segundo aos profetas. O conhecimento obtido no caso pelos gentios se restringe ao anúncio. Em outras palavras, o que se observa é que nem todos tem acesso às ações do Espírito, elas

estariam restritas as lideranças que propunham este projeto de Reino de Deus. Um projeto de Reino de Deus que já não demonstra distinção entre o campo ideológico e prático; a *sociedade alternativa* de efésios<sup>10</sup> estava muito mais dialogando com a forma estrutural do Império Romano do que se distanciando da mesma.

E pensando nestes diálogos estabelecidos entre as comunidades cristãs com seus ambientes que um estudo também sobre as cidades de Corinto e Éfeso se torna necessário. Ou seja, pensar em que propostas de reinos estão sendo postas nas casas-igrejas de Éfeso e de Corinto, e quem seriam os indivíduos que compõe estas comunidades. Bem como refletir, se elas se distanciam ou não do modelo romano. Para isto, será fundamental o conhecimento destas cidades romanas. Para que desta maneira possamos dissociá-las das cidades gregas retratadas por Estrabão em *Geografia*. Neste sentido, o estudo quer refletir as questões acima expostas a partir das dinâmicas político-econômicas e sociais próprios de cidades que no século I EC estavam sujeitas as práticas imperialistas romanas. Além de serem importantes polos religiosos e econômicos. De um lado temos Corinto que era capital da Acaia e um importante centro comercial. Do outro temos Éfeso que também tinha destaque por ser um centro comercial, mas acima de tudo religioso; famosa pelo culto a deusa Ártemis (CROSSAN; REED: 224-225).

Em outras palavras, a importância do conhecimento destas cidades se faz importante para que possamos pensar em que medida a postura romana contribui para a formação de culturas de resistência a mesma. Culturas estas que são respostas a um imperialismo. Todavia, estas respostas produzidas podem estar em diferentes intensidades (CHEVITARESE; CORNELLI, 2003:10-15).

### **III – Considerações finais:**

O objetivo deste artigo foi tecer algumas considerações iniciais de uma pesquisa em curso sobre as relações de poder fomentadas pelo ritual batismal que estará a partir de diferentes projetos de Reino de Deus sendo também adaptado e reinterpretado. Como já foi apontado, estes rituais batismais acabam instituindo hierarquias no interior das comunidades cristãs. Estas hierarquias poderão ser mais ou menos fluidas. O fator determinante da fluidez ou não é perceptível com a confrontação entre os dois níveis em que se processam estes projetos de Reino de Deus: o ideológico e o prático.

Observamos também que os projetos de Reino de Deus estarão diretamente ligados à tensão estabelecida entre os que lembram e aqueles que estão autorizados a lembrar de e sobre Jesus. O que trará implicações quanto ao agente Espírito que sofrerá também mudanças como ele será visto pelas comunidades

---

10 Estamos fazendo referência ao trabalho de Hosley (2004:238-247) quando analisa o projeto paulino.

cristãs. Uma vez que num primeiro momento este é capaz de revelar sabedorias a todos, mas que com o embate de outras visões a manifestação deste Espírito parece se restringir apenas as lideranças.

Por fim e não menos importante é bom que se registre a relevância deste artigo, ainda que a pesquisa que o origina esteja no presente momento em curso, que se dá pelo fato do objeto de pesquisa ser atualmente pouco estudado. Principalmente para o enfoque que a presente pesquisa visa dar. Os trabalhos produzidos sobre grupos em torno das lideranças paulinas perpassam no âmbito muitas delas de análises superficiais e com uma perspectiva quase sempre teológica. Tendo visto que a documentação por integrar ao chamado cânon cristão acaba por muitas das vezes não sendo devidamente refletida.

E mais do que isso, sobre as cartas deuteropaulinas ou pseudopaulinas convencionou-se a leitura das chamadas ‘escolas paulinas’<sup>11</sup>, que nada mais seria do que uma forma de instituir herdeiros de Paulo em sua teologia. Todavia, a expressão ‘escolas paulinas’, acaba por não revelar os embates e tensões entre os diferentes projetos que irão não só se configurar a partir da figura de Paulo num contexto *a posteriori*, mas leituras que irão emergir já no período paulino. Apontando ainda que a posição de herdeiro é bastante problemática e que necessita sempre de enquadramentos de memórias.<sup>12</sup> Diferentemente da leitura proposta no presente artigo, à conotação de círculos. Conceito este que abarca não só processo de institucionalização nos dois níveis de projeto de Reino de Deus: prático e ideológico, bem como, revela que esta herança é constantemente moldada e reestruturada.

#### **IV – Bibliografia:**

##### **1. Fontes.**

Primeira Epístola aos Coríntios. In: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

Segunda Epístola aos Coríntios. In: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

Epístola aos Efésios. In: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

##### **2. Trabalhos Teóricos.**

---

<sup>11</sup> Entre os autores que leem estas cartas como escolas estão Gnilka (2006) e Koester (2005).

<sup>12</sup> Como nos dá bons indícios Crossan em Borg (2009) num estudo sobre as releituras de Paulo a partir de projetos de Reino de Deus menos igualitários.

WALLACE-HADRILL, Andrew. Patronage in Roman society: from republic to empire. In: WALLACE-HADRILL, Andrew. *Patronage in Ancient society*. New York: Routledge, 1989.

### **3. Textos Específicos.**

BORG, Marcus. J.; CROSSAN, John. D. *First Paul: Reclaiming the Radical Visionary Behind the Church's Conservative Icon*. New York: HarperOne, 2009.

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2012.

Cavalcanti, Juliana. "Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo": uma breve análise sobre o programa paulino de Reino de Deus. *Revista Jesus Histórico*, 2013: 80-85.

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele. *Judaísmo, cristianismo, helenismo. Ensaios sobre interações culturais no Mediterrâneo antigo*. Itu: Ottoni Editora, 2003.

CROSSAN, John D; REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Editora WMF, 2010.

FARIA, Lair Amaro dos Santos. "Quem vos ouve, ouve a mim": oralidade e memória nos cristianismos originários. Rio de Janeiro: Kline, 2011.

GNILKA, Joachim. *Pedro e Roma: a figura de Pedro nos dois primeiros séculos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HORSLEY, Richard & HANSON, J.S. *Bandidos, profetas e messias. Movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995.

KLAUCK, Hans-Josef. *O entorno religioso do cristianismo primitivo 1: religião civil, e religião doméstica, cultos de mistérios, crença popular*. São Paulo: Loyola, 2011.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo* (vol.2). Trad.: Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.